



O Cortiço

Alessandra Cristina Ferreira Porto
Aluna do ITA – Turma 10

INDICE

- **INTRODUÇÃO.....p.2**
- ***DESENVOLVIMENTO***
 - Espaço.....p.3*
 - Enredo.....p.3*
 - Personagens.....p.4*
 - Foco narrativo e narração.....p.7*
 - Tempo.....p.7*
- **CONCLUSÃO.....p.8**
- **BIBLIOGRAFIA.....p.8**

Introdução

Naturalismo x Realismo

O Realismo como movimento artístico ocupa-se do real que é acessível aos sentidos, passível de observação e comprovação, o que reflete o espírito científico do século XIX. Tem por objetivo a fidelidade máxima ao real, propósito esse que é algumas vezes distorcido e levado ao nível do pessimismo pela intenção de se opor claramente ao Romantismo e ao idealismo. Ainda há destaque para a psicologia dos indivíduos.

O Naturalismo, por sua vez, pode ser tomado como o Realismo levado ao quase absurdo – não há aprofundamento psicológico dos personagens, pois o destino desses não é regido pela própria vontade, mas sim pelo grupo social de que são parte. Se o Realismo procura retratar o homem agindo no meio social, o Naturalismo mostra o meio social agindo *pelo* homem, tomando conta de suas atitudes e seu destino. O homem é visto como animal, desprovido de livre-arbítrio. Cabe ao escritor naturalista armar uma situação experimental no romance e a partir dela analisar cientificamente o desfecho da história, sem nenhum freio moral ou pessoal.

Contexto histórico

O Brasil sofria fortes influências francesas na época em que *O Cortiço* foi escrito (1890- primeiros tempos do Brasil republicano e livre de escravos), tendo por isso Aluísio Azevedo buscado inspiração em Emile Zola, pioneiro do Naturalismo na França. O mundo literário se baseava nas tendências científicas da época, notadamente o positivismo de Comte, o determinismo de Taine, a seleção natural de Darwin e o socialismo de Marx e Engels.

A recente abolição da escravatura criava uma dinâmica de êxodo de escravos recém-libertos para as cidades em crescimento, onde a única forma de moradia que lhes sobrava eram os fervilhantes cortiços, tornando o Rio de Janeiro uma cidade polarizada e propícia à inspiração para a literatura naturalista.

Biografia do autor

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu a 14 de abril de 1857 em São Luís do Maranhão, filho de um vice-cônsul português e uma brasileira separada do primeiro marido. Foi marginalizado e discriminado por ser filho de pais descasados.

Trabalhou como caixeiro e guarda-livros na infância e na adolescência e desde cedo nutriu grande interesse pelo desenho e pela pintura. Sentindo-se sufocado pela falta de horizontes profissionais em São Luís, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1876.

Matriculou-se na Imperial Academia de Belas-Artes e sustentava-se como caricaturista para jornais da época, entre eles *O Fígaro*, *O Mequetrefe*, *Zig-Zag* e *A Semana*, atividade de que veio o costume de desenhar os personagens de seus romances para conviver mais com eles. Em 1878 retorna a São Luís devido à morte do pai, iniciando a carreira de escritor um ano depois.

Lançou *Lágrima de mulher*(1879), de enredo claramente romântico e que difere em quase todos os aspectos dos livros que seguiriam. Participa de um jornal anticlerical, *O Pensador*, sofrendo ainda mais discriminação por parte da sociedade tradicional

maranhense. Agrediu essa elite ainda mais com o lançamento de *O Mulato*, obra abolicionista e claramente contra a Igreja.

Voltando ao Rio de Janeiro, escreveu em 1882 *Memórias de um condenado e Mistério da Tijuca*, dois romances menores, sobrevivendo –não muito confortavelmente - somente à custa de seu talento literário. Inspirado pela atmosfera urbana da capital, lança *Casa de Pensão* (1884) e *O Cortiço* (1890), sua obra mais aclamada pelo público e pela crítica. Foi eleito para a ABL em 1897. Tentou a sorte na carreira diplomática, exercendo a profissão na Espanha, no Japão, na Argentina, na Inglaterra e na Itália. Adota, com a companhia de Pastora, uma argentina, dois filhos, Pastor e Zulema. É transferido para o Paraguai em 1910, seguindo logo depois para o Uruguai e na seqüência Buenos Aires, onde faleceu em 20 de janeiro de 1913. Foi sepultado definitivamente em São Luís em 1919.

Desenvolvimento

Espaço

Há no Naturalismo uma preocupação com a verossimilhança, o que se faz notar n’*O Cortiço* na valorização da descrição minuciosa do espaço e do cotidiano carioca como forma de situar claramente a história e não deixar espaço para abstrações.

O Brasil, como país periférico começando a dar os primeiros passos por si próprio no cenário mundial, sentia necessidade de valorizar seu espaço urbano, em especial o carioca, capital da nação que se firmava.

A empolgação com a cidade em expansão leva o autor a escolher como cenário para o nascimento de “uma geração que parecia brotar espontânea” as partes novas do Rio de Janeiro. O centro da cidade representa a burguesia, a constância estagnada do que tenta negar a natureza e bloquear as influências inevitáveis. Esse aspecto se faz notar em *Zulmira*, que antes de se mudar para o sobrado era “pálida e fraca” e desabrocha em meio os estímulos do novo lar.

O espaço, nessa obra de Azevedo, transcende suas funções características. De acordo com Massaud Moisés, “não se trata apenas do poder do ‘meio’ sobre as pessoas; é considerar esse meio como outra entidade além da que as personagens compõem, interferindo na ação com sua presença forte e dominadora”. O *Cortiço* torna-se o personagem-título, aspecto que será discutido adiante. Vê-se que o espaço n’*O Cortiço* é, então, claramente interativo, não sendo tomado apenas como pano de fundo estático. Isso vem para corroborar a idéia determinista que o homem não pode fugir às influências do que o cerca.

Enredo

João Romão, português ambicioso que viera para o Brasil a procura de riqueza, arrecada dinheiro através de anos de trabalho como empregado numa taverna em Botafogo. Ao morrer, o dono do estabelecimento lhe deixa a loja e algum dinheiro, com o que João Romão inicia sua vida nos negócios. Torna-se amante de Bertoleza, escrava viúva de um português, que passa a residir com ele. Romão toma para si o pouco dinheiro que a escrava possuía a pretexto de lhe arranjar uma carta de alforria. João forja o documento e, com o dinheiro de Bertoleza, compra algumas braças de terra e alarga sua propriedade. Com o decorrer do tempo e a ajuda de Bertoleza na venda, João Romão compra mais

terras e nelas constrói três casinhas que imediatamente aluga. O negócio dá certo e novos cubículos se vão amontoando na propriedade do português. A procura de habitação é enorme, e João Romão, ganancioso, acaba construindo vasto e movimentado cortiço, adquirindo também a pedreira que o limitava.

Ao lado vem morar outro português, de classe mais elevada, comerciante e típico representante da baixa burguesia portuguesa no Brasil, o Senhor Miranda, cuja mulher, D.Estela, leva vida irregular. Residem no sobrado de Miranda, além dele e da esposa, sua filha Zulmira, o estudante Henrique, o parasita Botelho e criados. Miranda não se dá com João Romão, nem vê com bons olhos o cortiço perto de sua casa, mas logo começa a invejar a capacidade do vizinho para enriquecer.

No cortiço moram os mais variados tipos: brancos, negros, mulatos, lavadeiras, imigrantes, assassinos, etc. Os de maior destaque são: a Machona, Alexandre, Pombinha, das Dores, Rita Baiana, a Bruxa, Marciana, Florinda, Bruno, Albino, Leocádia e D.Isabel. Logo vêm morar no cortiço Jerônimo, um cavouqueiro português, respeitado no seu ofício e que trará enormes lucros à pedreira de João Romão. Traz consigo a mulher, Piedade de Jesus, portuguesa submissa e fiel ao marido, e a filha.

No cortiço há festas com certa freqüência, destacando-se nelas Rita Baiana como dançarina provocante e sensual, o que faz Jerônimo perder a cabeça e seus antigos hábitos. Enciumado, o capoeira Firmo, amante de Rita, acaba brigando com Jerônimo, abre a barriga do rival com a navalha e foge. Durante o período de convalescença, Rita se aproxima de Jerônimo, que vai aos poucos deixando Piedade e o resto de sua antiga vida de lado.

Ao mesmo tempo João Romão começa a nutrir um sentimento de inveja pela vida de Miranda, tão perto da nobreza e tão afastada da sujeira a que Romão estava acostumado. Romão começa a traçar planos para alcançar o nível de vida do vizinho.

Naquela mesma rua, outro cortiço se forma. Os moradores do cortiço de João Romão chamam-no de "Cabeça-de-gato"; como revide, recebem o apelido de "Carapicus". Firmo passara a morar no "Cabeça-de-Gato", onde se torna chefe de malta dos capoeiras. Jerônimo, que havia sido internado em um hospital após a briga com Firmo, arma uma emboscada traiçoeira para o malandro e o mata a pauladas, fugindo em seguida com Rita Baiana e abandonando de vez a mulher e a filha.

Querendo vingar a morte de Firmo, os moradores do "Cabeça-de-gato", liderados por Porfiro, iniciam séria briga com os "carapicus". Um incêndio, porém, causado pela enlouquecida Bruxa, em vários barracos do cortiço de João Romão, põe fim à briga coletiva.

O português, agora endinheirado, reconstrói o cortiço, dando-lhe nova feição e aproveitando para realizar um objetivo que há tempos vinha alimentando: iniciar um novo estilo de vida e casar-se com uma mulher "de fina educação", legitimamente.

Lança os olhos em Zulmira, filha do Miranda. Botelho, de grande influência junto a este, aplaina o caminho para João Romão, mediante o pagamento de vinte contos de réis. E em breve os dois patrícios, por interesse, se tornam amigos e o casamento é coisa certa. Só há uma dificuldade: Bertoleza. João Romão arranja um piano para livrar-se dela: manda um aviso aos antigos proprietários da escrava, denunciando-lhe o paradeiro. Pouco tempo depois, surge a polícia na casa de João Romão para levar Bertoleza aos seus antigos senhores. A escrava compreende o destino que lhe estava reservado e suicida-se, cortando o ventre com a mesma faca com que estava limpando o peixe para a refeição de João Romão.

Personagens

As personagens n' *O Cortiço* não podem ser tratadas como entidades independentes, podendo ser vistas preferencialmente como partes de uma rede intrincada de influências e interações. Alguns podem ser separados em grupos de forma mais clara em grupos de relacionamento, esquema no qual serão apresentados a seguir.

- O cortiço e o sobrado: o personagem principal do romance é o cortiço, pois é ele o núcleo gerador, não apenas situador, de toda a história. Apesar de seu crescimento, desenvolvimento e transformação acompanharem os mesmos estágios na pessoas de João Romão, é, na verdade, o estabelecimento que muda o dono, não o contrário. Vê-se na evolução do cortiço um processo que não se pode evitar ou reverter, determinado desde o início da história, tendo João Romão apenas feito o que estava em seu instinto de homem desprovido de livre-arbítrio fazer. O sobrado representa para o cortiço o mesmo que Miranda representa para Romão, criando-se entre eles a mesma tensão que existe entre os dois homens.
- João Romão, Miranda, Bertoleza e secundariamente, Zulmira, Botelho e D. Estela: de acordo com o crítico literário Rui Mourão, os elementos conflitantes n' *O Cortiço* “não se isolam em planos equidistantes. Ao contrário, o que existe [...] é um estado de permanente tensão e mútua agressão”. Afirma, em outra ocasião, que dessas lutas “ninguém sairá vencedor ou vencido”. Miranda e João Romão, apesar de aparentarem der diferentes frente a sociedade, são essencialmente influenciados pelos mesmos elementos, tendo que ter, portanto, o mesmo destino. Seus rumos se tornam entrelaçados similarmente aos laços existentes entre sobrado e cortiço: vizinhos, porém distantes; diferentes, porém iguais sob olhar mais minucioso. Romão e Miranda são complementares. Bertoleza e D. Estela são, sob todas as óticas, o oposto uma da outra: a negra escrava, pobre e fiel, e a mulher branca, nobre e adúltera. Não há relação de complementação nesse caso, apenas uma forma de acentuação do abismo de inveja que une João e Miranda. Enquanto um deseja a independência, a prosperidade e a fidelidade conjugal do outro, o outro almeja os contatos, a nobreza e a capacidade de esbanjamento do um. Zulmira e Botelho têm aqui papéis de meros instrumentos do autor para dar andamento à história.
- Jerônimo, Rita, Firmo e Piedade: nas relações entre essas personagens é demonstrado mais claramente o princípio naturalista que rege a obra de Azevedo. Suas interações são baseadas puramente no instinto, no desejo sexual, no ciúme, na ira. Jerônimo e Firmo, são, como Romão e Miranda, complementos um do outro. Um era “a força tranqüila, o pulso de chumbo”, em constante tensão com “a força nervosa (...) o arrebatamento que tudo desbarata no sobressalto do primeiro instante”. “Mas”, nas palavras de Azevedo, “ambos corajosos”. O autor deixa claro que nenhum deles pode fugir ao que lhes está destinado. Jerônimo, desde o dia em que viu Rita dançar pela primeira vez, estava fadado à perdição, arrastando Firmo e Piedade para o caminho do ciúme e da destruição – a morte, no caso de Firmo, e a miséria e a quase-loucura, no caso de Piedade. A metamorfose de

Jerônimo se dá como tentativa de se tornar Firmo antes de tirar o que lhe pertence – não só Rita, mas tudo o que ela implicava: a beleza, os encantos da terra, a vida feliz do malandro sem preocupações. Cada um reage mais ou menos de acordo com suas características pessoais, notoriamente a raça (a submissão da portuguesa e a belicosidade do mulato capoeira), mas se faz presente em todos a conformação, a inércia. Com a morte de Firmo, Jerônimo assimila o papel de seu rival, mantendo um fantasma do que era no passado, que a bebida e a Rita contribuem para esmaecer. Os elementos naturais e as circunstâncias estão sempre a sufocar qualquer manifestação psicológica independente, carregando os personagens numa correnteza inevitável e irreversível.

- Pombinha, Leónie e Senhorinha: desde o momento em que é apresentada, a prostituta Leónie, madrinha de uma das filhas de Augusta, representa a independência financeira que aqueles que têm vida honesta não conseguem alcançar. Vende seu corpo, mas o que faz não é crime aos olhos dos moradores do cortiço, que não tem as cínicas restrições sexuais da burguesia brasileira. Pombinha, filha de D.Isabel, era uma garota de 18 anos que ainda não havia se tornado mulher. Após anos esperando o momento de se casar, irá se separar do marido após pouco tempo para seguir num relacionamento homossexual com Leónie, que havia lhe iniciado no prazer sexual. Ao ativar a sexualidade de Pombinha, fazendo com que ela atinja a puberdade, Leónie põe em funcionamento uma dinâmica de acontecimentos que passam a independe da vontade dos personagens. Pombinha possuía um desenvolvimento intelectual maior que a maioria dos personagens do cortiço, talvez por não se ter visto envolvida tão cedo nas tramas de sexo e ciúme que os consumiam. Ao ter que começar uma vida como mulher casada, não conseguiu se adaptar à falta de liberdade e foi viver com Leónie, aprendendo seu ofício. Ironicamente, a comercialização do sexo protagonizada por Leónie e Pombinha se contrapõe à vulgarização do sexo pelos moradores do Cortiço – enquanto esses são escravos de seus impulsos, Leónie e Pombinha se tornam mais senhoras de si através do desejo alheio. Nesse quadro, Senhorinha, a filha de Jerônimo se insere para provar que ninguém foge ao meio: tendo sido criada num cortiço, substituindo Pombinha para seus moradores, com os pais separados e vendo homens tirar proveito da mãe de forma constante, termina tendo o mesmo destino de Pombinha, apesar da educação que teve.
- Alguns personagens secundários, usados por Azevedo principalmente como objetos de estudo da temática determinista:
 - Henrique: filho de um fazendeiro importante que se encontra aos cuidados de Miranda até o fim de seus estudos. Cultivar um caso com D.Estela.
 - Valentim: filho alforriado de uma escrava por quem D.Estela nutria afeição ilimitada.
 - Leonor: negrinha virgem, moradora do cortiço.
 - Leandra (Machona): portuguesa feroz, habitante do cortiço.
 - Ana das Dores: filha desquitada de Machona.
 - Neném: filha virgem de Machona, muito cobiçada.

- Agostinho: filho caçula de Machona que morre num acidente da pedreira.
- Augusta : brasileira branca, honesta, casada com Alexandre e com muitos filhos.
- Alexandre: mulato, militar, dava muito valor ao seu emprego.
- Juju: afilhada de Leónie.
- Leocádia: portuguesa, esposa de Bruno, comete adultério com Henrique.
- Bruno: ferreiro casado com Leocádia.
- Paula (a Bruxa): cabocla velha que exercia função de curandeira. Põe fogo no cortiço duas vezes após enlouquecer, morrendo na segunda tentativa.
- Marciana: mulata velha, com mania de limpeza, mãe de Florinda, que perde o juízo quando a filha foge de casa.
- Florinda: filha virgem de Marciana, que engravida de um dos vendeiros de Romão e foge de casa.
- Dona Isabel: mãe de Pombinha. Seu maior sonho é ver a filha casada.
- Albino: lavadeiro homossexual, morador do cortiço.
- Delporto, Pompeo, Francesco e Andrea: imigrantes italianos que residiam no cortiço. Azevedo foi um dos primeiros a caracterizar literariamente a figura do imigrante italiano no Brasil, mesmo que de forma preconceituosa, retratando-os como “carcamanos imundos”.
- Porfiro: mulato capoeira amigo de Firmo.
- Libório: velho pão-duro que esmolava entre os outros moradores do Cortiço, mas que possuía uma fortuna escondida, da qual Romão irá se apoderar depois da morte de Libório no segundo incêndio provocado por Bruxa.
- Pataca: cúmplice de Jerônimo no assassinato de Firmo, torna-se um dos aproveitadores de Piedade depois que Jerônimo vai morar com Rita.

Foco narrativo e Narração

N’O Cortiço, o foco narrativo é externo, na 3ª pessoa do singular, o que permite ao narrador onisciente total acesso ao pensamento – consciente ou não - dos personagens. Há predomínio do discurso indireto livre. Muitas vezes o narrador se demonstra conhecedor de um aspecto do personagem que foge ao próprio personagem, como na descrição dos primeiros sentimentos que Jerônimo nutriu por Rita Baiana ao vê-la dançar. “Isto era o que Jerônimo sentia, mas o que o tonto não podia conceber.[...]só lhe ficou no espírito o entorpecimento de uma desconhecida embriaguez[...].”O narrador, como cientista, pode saber o que influencia o personagem, mas esse, como cobaia, não possui tal prerrogativa.

Tempo

O tempo n’O Cortiço segue o ritmo real dos acontecimentos, não havendo flashbacks ou retornos psicológicos, mesmo porque não há aprofundamento da psicologia dos personagens. A história se passa na época em que foi escrita por Azevedo, ou seja, últimos anos do século XIX.

Bibliografia

- <http://victorian.fortunecity.com/statue/44/Ocorticoeacidadedorio.htm>
- www.elnt.hpg.ig.com.br/livros/cortico.txt
- <http://home.yawl.com.br/hp/sedycias/azevedo.htm>
- <http://www.ocrocodilo.com.br/realismo.html>
- **AZEVEDO, Aluisio. *O Cortiço*. 36.ed. São Paulo, Editora Ática, 2002.**
- **AZEVEDO, Aluisio. *O Cortiço*. São Paulo, Editora Martin Claret, 2004.**

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.